UBC

REVISTA DA
UNIÃO BRASILEIRA DE
COMPOSITORES
#09_JUNHO DE 2011

Da lama ao pós

COMO ANDA A CENA MUSICAL PERNAMBUCANA DUAS DÉCADAS DEPOIS DA REVOLUÇÃO DO MANGUE BEAT

ISSN 2176153-1
9 772176 153002

+ MECENATO NA INTERNET: CONHEÇA O CROWDFUNDING

+ PERFIS: ANTONIO CICERO E GUILHERME ARANTES

CONHEÇA O NOVO CALENDÁRIO DE DISTRIBUIÇÃO

JAN
RUBRICA
DISTRIBUIÇÃO INDIRETA*, TV ABERTA E CASAS DE FESTAS
PERÍODO DE CAPTAÇÃO
JULHO A SETEMBRO

FEV
RUBRICA
MÚSICO ACOMPANHANTE
PERÍODO DE CAPTAÇÃO
JULHO A SETEMBRO
RUBRICA
TV POR ASSINATURA
PERÍODO DE CAPTAÇÃO
JANEIRO A JUNHO

MAR
RUBRICA
CINEMA
PERÍODO DE CAPTAÇÃO
SETEMBRO A FEVEREIRO

ABR
RUBRICA
DISTRIBUIÇÃO INDIRETA*, TV ABERTA E CASAS DE FESTAS
PERÍODO DE CAPTAÇÃO
OUTUBRO A DEZEMBRO

MAI
RUBRICA
MÚSICO ACOMPANHANTE
PERÍODO DE CAPTAÇÃO
OUTUBRO A DEZEMBRO
RUBRICA
CARNAVAL

JUN
RUBRICA
MÍDIAS DIGITAIS
PERÍODO DE CAPTAÇÃO
JULHO A DEZEMBRO

JUL
RUBRICA
DISTRIBUIÇÃO INDIRETA*, TV ABERTA E CASAS DE FESTAS
PERÍODO DE CAPTAÇÃO
JANEIRO A MARÇO

AGO
RUBRICA
MÚSICO ACOMPANHANTE
PERÍODO DE CAPTAÇÃO
JANEIRO A MARÇO
RUBRICA
TV POR ASSINATURA
PERÍODO DE CAPTAÇÃO
JULHO A SETEMBRO

SET
RUBRICA
CINEMA
PERÍODO DE CAPTAÇÃO
MARÇO A AGOSTO
RUBRICA
FESTA JUNINA

OUT
RUBRICA
DISTRIBUIÇÃO INDIRETA*, TV ABERTA E CASAS DE FESTAS
PERÍODO DE CAPTAÇÃO
ABRIL A JUNHO

NOV
RUBRICA
MÚSICO ACOMPANHANTE
PERÍODO DE CAPTAÇÃO
ABRIL A JUNHO

DEZ
RUBRICA
MÍDIAS DIGITAIS
PERÍODO DE CAPTAÇÃO
JANEIRO A JUNHO

*Distribuição Indireta – Rádio, Direitos Gerais e Música ao Vivo
Observação: as liberações de retidos e a distribuição de shows ocorrem todos os meses.

WWW.UBC.ORG.BR

REVISTA DA
UNIÃO
BRASILEIRA DE
COMPOSITORES
#09_JUNHO DE 2011

Ilustração da capa:
Rafael Dória

EDITORIAL

Nesta edição, vamos viajar pela musicalidade e pela criatividade de Pernambuco. Marcada pela aridez no interior e pela lama dos manguezais no litoral, a região compõe o cenário perfeito para o casamento do contemporâneo com o tradicional. A fertilidade biológica dos mangues parece fazer surgir das injustiças sociais do Recife e do castigo da seca uma riqueza de sentimentos, valores e realizações humanas que afloram em forma de música. Desvendamos também o fenômeno do *crowdfunding*, que aparece como alternativa para viabilizar a produção de artistas por meio da colaboração financeira dos fãs. E, finalmente, entrevistamos Guilherme Arantes, um ícone dos anos 80; o compositor, filósofo e blogueiro Antonio Cicero, e Carlos Dafé, lenda viva do soul brasileiro. Aproveitem a leitura e boa viagem!

Elisa P. Eisenlohr

04-05

06-07

08-09

11

12-13

16-17

18-19

20-21

22-23

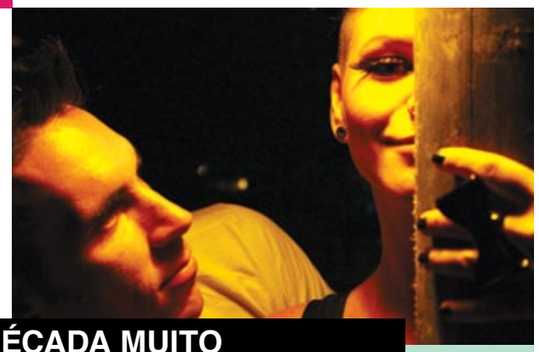
ÍNDICE

04 : **NOVIDADES** NACIONAIS
06 : LANÇAMENTOS
07 : INTERNACIONAIS
08 : **CROWDFUNDING**
11 : FIQUE DE OLHO
12 : CAPA **PERNAMBUCO**
16 : PERFIL **CARLOS DAFÉ**
17 : DISTRIBUIÇÃO NO **CINEMA**
18 : ENTREVISTA **GUILHERME ARANTES**
20 : PERFIL **ANTONIO CICERO**
22 : DÚVIDA DO ASSOCIADO
23 : QUEM É QUEM NA UBC

A **Revista UBC** é uma publicação da União Brasileira de Compositores, uma sociedade sem fins lucrativos que tem como objetivos a defesa e a distribuição dos rendimentos de direitos autorais e o desenvolvimento cultural / **Diretoria:** Fernando Brant (presidente), Abel Silva, José Antônio Perdomo, José Loureiro (in memorian), Manoel Nenzinho Pinto, Ronaldo Bastos e Sandra de Sá / **Diretora-executiva:** Marisa Gandelman / **Coordenação editorial:** Elisa Eisenlohr / **Projeto gráfico e diagramação:** 6D / **Editora:** Ana Lúcia Borges (MTB 29.221) / **Editor-assistente:** Gustavo Leitão / **Colaboradores:** Bruno Albertim, Helena Aragão e Mariana Quintão / **Tiragem:** 5.000 exemplares / Distribuição gratuita

AUTORAMAS NO TOPO DAS LISTAS

Numa brincadeira com a moda das listas, o jornal argentino Página/12 elegeu as "1.000 Bandas para Você Ouvir Antes de Envelhecer". O resultado tem fortes tintas verde-e-amarelas. Entre os representantes brasileiros, estão Ed Motta, Paralamas do Sucesso, Replicantes, Ratos de Porão, Sepultura, Tribalistas, Macaco Bong e Autoramas. Por falar em Gabriel Thomaz (guitarra e vocais), Bacalhau (bateria) e Flávia Couri (baixo e vocais), um trio descrito pelo diário como "punk cabeça brasileiro para um mundo moderno", o Autoramas também foi incluído entre os melhores shows de 2010 pelo site espanhol Musicópolis. A menção foi por suas duas apresentações na Espanha no ano passado, no Festival Turborock e na casa de shows Gruta 77. A atual boa fase do grupo também incluiu um convite para protagonizar o show de abertura para os Misfits, em abril, no Circo Voador, no Rio.

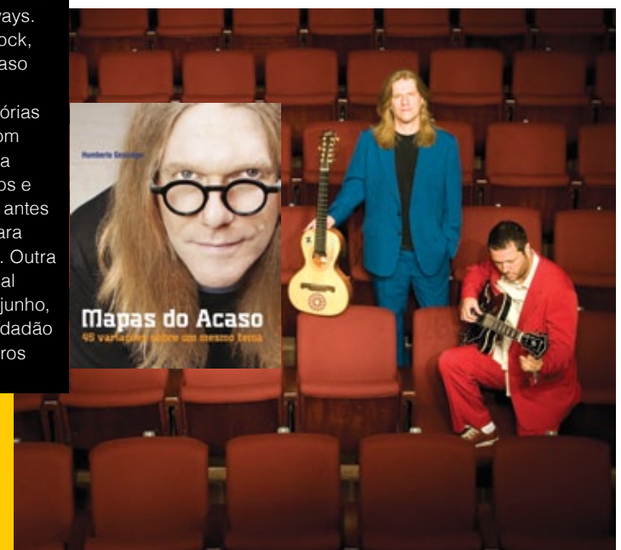


UMA DÉCADA MUITO BEM CELEBRADA

Os dez anos são simbólicos. Marcam o início de dois caminhos muito bem-sucedidos. A dupla gaúcha Claus e Vanessa prevê para o fim de julho o lançamento de um CD e DVD ao vivo, que leva seu nome, gravado em janeiro na casa de música eletrônica Save Club, em Portão, com requintes como um telão de LED e a exclusividade de ter o local só para eles por uma noite. Além de uma década de carreira, os dois comemoram o mesmo período também como um casal, apresentando uma sonoridade que mudou ao longo dos anos: de um som mais "voz-e-violão" nos primórdios, nos bares de Porto Alegre, para um pop sintonizado com as pistas de hoje, à Lady Gaga, que explode no Sul. O material traz participações mais que especiais, como a portuguesa Ana Free, radicada em Londres, descoberta pelo YouTube, e o grupo de hip-hop Seven Lox, de Guiné-Bissau. "Com Ana, gravamos uma versão de nosso carro-chefe, 'Medo de Amar', em inglês, que batizamos de 'Summer Love'. Lembra a parceria entre Vanessa da Mata e Ben Harper. Há ainda duas músicas inéditas no material: 'Tudo Vale a Pena', composta por Mauricio Bressan, que produziu o DVD comigo, e 'Viva', de autoria minha, da Vanessa e do Dima, que é integrante do Seven Lox", conta Claus Fetter, revelando que, após o lançamento no Brasil, a dupla viaja para a Europa para excursionar em parceria com Ana Free e trabalhar a parceria por lá durante o verão do Velho Continente.

TRAFEGANDO POR NOVAS HIGHWAYS

Vocalista dos Engenheiros do Hawaii, o gaúcho Humberto Gessinger continua na ativa, só que em outras highways. De férias da banda, uma das mais lembradas do BRock, ele acaba de lançar seu terceiro livro, "Mapas do Acaso – 45 Variações sobre um Mesmo Tema", pela editora Belas Letras. O compositor, que já tinha relatado histórias do grupo em "Pra Ser Sincero", voltou ao passado com uma dose extra de liberdade. Desta vez, ele entrelaça memórias de menino, relatos inéditos dos Engenheiros e rascunhos de letras. O resultado já é sucesso desde antes do lançamento, quando Gessinger usou a *twitcam* para falar da obra e acabou nos *trending topics* do Twitter. Outra de suas vertentes recentes de trabalho, o Pouca Vogal toca no Circo Voador, no Rio de Janeiro, no dia 3 de junho, pela primeira vez. Parceria com Duca Leindecker (Cidadão Quem), a dupla toca violão, percussão, teclado e outros instrumentos com as mãos e com os pés.



Fotos de divulgação

TUDO AO MESMO TEMPO... AGORA

Por Ana Lúcia Borges

Aos 33 anos, o gaúcho Luciano Leães cativa por sua energia. Talentoso músico de base blueseira, ele não para quieto, e está envolvido com projetos que vão desde a raiz do estilo até shows que inovam por fazer audaciosas (e bem-sucedidas) misturas com as artes plásticas, por exemplo. Autodidata, o curioso pianista conta que, ainda menino, ouvia os tios tocando na casa da avó e se interessou pelo instrumento, influenciado pelo som de Chuck Berry, Johnnie Johnson, Billy Preston, Ray Charles... E foi, ainda, temperado com uma boa pitada de rock, com um quê de Rolling Stones.

No StudioClio Instituto de Arte & Humanismo, em Porto Alegre, você costuma resgatar sua base de blues e, ao mesmo tempo, ousar bastante. O que tem feito por lá?
LUCIANO LEÃES: O StudioClio é uma oportunidade de me aproximar daquilo de que realmente gosto. Na primeira edição como docente fiz a história do piano bules. Também desenvolvo outros projetos por lá com o Francisco Marshall, um dos fundadores. Em um deles, o Blues in Clio Arte, unimos blues e Van Gogh. É um show bastante inusitado, onde fazemos projeções dos quadros do artista ao mesmo tempo em que a banda toca blues, traçando paralelos em que a imagem influencia a música e a música influencia a imagem. Houve lista de espera na primeira sessão e tivemos que repetir a dose. Numa nova edição, semelhante, fizemos o Picasso e Blues, que também lotou e teve sessão extra. Agora, temos a ideia de fazer algo inspirado no carnaval de Nova Orleans, o Mardi Gras, com projeções de fotos e vídeos para mostrar a cultura da região, famosa pela música e com ótimos pianistas.

Recentemente, você fez uma turnê pela Argentina com o pessoal da instrumental Pata de Elefante, banda conterrânea sua. Como é a cena de Porto Alegre? As parcerias são frequentes?
LUCIANO: A cena de Porto Alegre é bastante interessante. Assim como na Argentina, temos uma base roqueira e blueseira bem forte por aqui. A galera é muito amiga e convive bastante, talvez por isso eu consiga conciliar tantos trabalhos ao mesmo tempo. Meus amigos são compreensivos nesse ponto. Sobre as parcerias, tive o prazer de gravar com muita gente, seja como integrante ou como músico de estúdio. Com a Pata de Elefante eu gravei uma faixa no primeiro disco, e, nos dois seguintes, acabei sendo responsável por todas as teclas. É legal citar também os Acústicos & Valvulados, com quem eu toco desde a gravação do DVD "Ao Vivo e a Cores", e que gravou recentemente o disco "Grande Presença". Fernando Noronha & Black Soul é a minha banda mais antiga e lançamos recentemente o disco "Meet Yourself". E gravei ainda com outras bandas e parceiros, como os Locomotores, Pública, Funkalister, Solon Fishbone, Big Gilson, Daniel Gales...

E quanto a Fernando Noronha? Vocês vão fazer sua décima turnê pela Europa este ano, em agosto, além de já terem feitos shows memoráveis em outros cantos, como no Festival de Montréal.
LUCIANO: Eu conheci o Noronha num bar onde eu estava tocando. Acabamos tocando alguns blues e boogie woogies e um mês depois eu estava caindo na estrada com a banda, isso lá por 1998. Quem diria que um dia acabaríamos no Festival Internacional de Jazz de Montréal? Estamos muito felizes por termos conquistado recentemente o prêmio mais importante de música aqui do estado, o Açorianos, por melhor disco de blues.

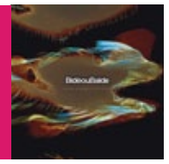
QUE VENHAM OS PRÓXIMOS 30!

Uma das mais longevas e idolatradas duplas sertanejas de Goiás, Mattão e Monteiro estão em produção do seu próximo CD, que deve contar com a participação de outro ilustre representante da música regional: Leonardo. Amigo dos dois, o cantor deve assinar ainda a produção do álbum, previsto para o fim do ano. "Outros sertanejos, como Bruno e Marrone, que também prometeram participar do disco, e Zezé di Camargo, que já gravamos, têm nos prestigiado bastante. Ficamos felizes de ser tão admirados no meio", diz Mattão. Em setembro passado, para marcar seus 30 anos de carreira, eles receberam da Câmara Municipal de Goiânia o título "Cidadão Goianense". Antes deles, só outra dupla foi agraciada com o mérito: Zezé di Camargo & Luciano.

LANÇAMENTOS

ADRIANA CALCANHOTTO (SONY)

Sambista esporádica, Adriana Calcanhotto deixou o pudor de lado e dedicou "O Micróbio do Samba" inteiramente ao gênero que já havia exercitado em algumas canções. As 12 faixas de seu oitavo disco têm clima íntimo e acompanhamento econômico: Domenico Lancelotti na bateria, Alberto Continentino no baixo, e a própria compositora no violão. O repertório presta reverência ao universo do samba, em temas como a malandragem e a infidelidade, com humor típico de Adriana. "Vai Saber?" já havia sido gravada por Marisa Monte.



BIDÊ OU BALDE (INDEPENDENTE)

Depois de um show elogiado no festival Planeta Atlântida em fevereiro, a banda gaúcha segue 2011 em alta rotação com o EP "Adeus, Segunda-Feira Triste". Definida por eles como um miniálbum, a coleção de cinco músicas é uma espécie de aperitivo para o quarto disco da banda. A ironia característica do grupo aparece tanto nos títulos, como a instrumental "VVA Decomposto (ou, Tudo Funcionando Meio Jackson Five)", quanto nas letras de canções como "Madonna". A fórmula é a do velho rock de guitarra, baixo e bateria, temperada com sintetizadores.

FRED FALCÃO (SALA DE SOM)

Veterano pianista da boemia, o recifense Fred Falcão faz da generosidade a marca de "Voando na Canção". A compilação de canções do (injustamente) pouco conhecido compositor da MPB reúne um admirável time de parceiros e cantores. Em grande parte inéditas, as faixas incluem "Tia Ciata", última gravação da carreira de João Nogueira, registrada poucos meses antes sua morte. "Namorada" (com Arnoldo Medeiros), maior sucesso da carreira de Falcão, ressurge na voz de Pery Ribeiro e Kay Lyra. As Chicas recriam "Shirley Sexy", da trilha sonora da novela "O Cafona".

MARCELO CAMELO (ZÉ PEREIRA/UNIVERSAL)

Ex-Los Hermanos, Marcelo Camelo consolida em "Toque Dela" a carreira solo iniciada há três anos, com "Sou". Introspectivo e com a mesma marca de MPB sofisticada do disco de estreia, o álbum destaca um parceiro musical recente do artista: o pianista e compositor Marcelo Jeneci, que toca em seis das dez faixas. Também participam Kassin (na guitarra e no banjo) e o cartunista André Dahmer, que assina "Três Dias" com Camelo. Não estranhe se reconhecer "Despedida", já registrada por Maria Rita em seu segundo disco.

PAPAS DA LÍNGUA (INDEPENDENTE)

Depois de 17 anos de carreira, a banda gaúcha Papas da Língua resolveu registrar a eletricidade de seus shows no CD/DVD ao vivo "Bloco na Rua". Gravado em outubro do ano passado, em Porto Alegre, o disco mescla canções próprias e de artistas que os músicos admiram, como é o caso da faixa que inspira o nome do disco, "Eu Quero É Botar Meu Bloco na Rua", um clássico de Sergio Sampaio. Entre as participações, está a do cantor Buchecha, em "Pingos de Amor". Também não faltam sucessos do grupo, como "Blusinha Branca".

Fotos de divulgação

FILHA PRÓDIGA... E SURPREENDENTE

Por Gustavo Leitão

Aos 25 anos, Maíra Freitas já carrega uma bagagem musical digna de dar inveja a veteranos. Herdeira de um clã de craques — é filha de Martinho da Vila e irmã das cantoras Juju Ferreira, Mart'nália e Analimar Ventapane —, ela parecia rumar para longe do samba que consagrou sua família. Estudou piano erudito, graduou-se pela Escola de Música da UFRJ, solou em concerto no Theatro Municipal do Rio e fez cursos de música na Bulgária e na Alemanha. Mas a tradição popular falou mais forte. Seu primeiro CD solo, lançado em março e produzido pela irmã Mart'nália, traz composições próprias e um pouco dos sons que a criaram, como "Disritmia" (Martinho), "Recado" (Gonzaguinha) e "Mambembe" (Chico Buarque). Tudo embalado num piano seguro e numa voz cristalina.

Como você ingressou na música?
MAÍRA FREITAS: Comecei fazendo aulas de piano clássico, aos 7 anos. Sempre ouvi música clássica, desde pequena. Minha mãe dizia que me acalmava. Um dia virei e pedi para fazer aula. Mas a música sempre esteve presente na minha vida de milhões de formas. Sabia que faria algo ligado a isso, fosse compor, arranjar, tocar, cantar... Acabei fazendo tudo.

Tudo indicava que você faria uma carreira de concertista. O que levou a essa guinada para o popular?
MAÍRA: Minhas mudanças de vida são bem graduais. Aos poucos, fiz essa transição. Como passei a adolescência estudando muito, cheguei à faculdade de música um pouco à frente dos colegas e pude relaxar. Foi quando comecei a fazer uns cursos de piano popular, a aprender com gente como o Cristóvão Bastos, a acompanhar peças de teatro, fazer vocal, dar canja.

E o canto, como surgiu?
MAÍRA: Sempre gostei de cantar em casa, como todo mundo. Quando meu pai gravou um disco dedicado ao Noel Rosa ("*Poeta da Cidade", lançado pela Biscoito Fino no ano passado*), resolveu chamar várias cantoras. Eu gravei "Último Desejo", numa versão piano e voz. Todos adoraram e a Olivia Hime (*sócia da gravadora*) me chamou para gravar um disco solo em seguida. Fui lá e gravei, né (*risos*)? Mas aula de canto mesmo só faço há um ano.

Quais são suas referências musicais?
MAÍRA: Tenho um gosto muito variado, eclético. Meu iPod tem rock, clássico, jazz, MPB... Ouço Bethânia, Chico, Milton, Gil, Djavan, Marisa Monte, Ella Fitzgerald, Erroll Garner, Ray Charles, Nina Simone, Banda Black Rio, Funkadelic. A música se adapta ao seu estado de espírito.

A vida de concerto ficou definitivamente de lado?
MAÍRA: Por enquanto, estou dedicada a esse disco e preparando meu show. Mas não tenho ideia do que vou querer no futuro. Se alguém pedir para eu tocar amanhã o terceiro concerto de Prokofiev não dá tempo. Mas, se eu quiser, se me preparar, sei que eu posso. Tudo é uma questão de preparação, seja para encarar uma obra clássica ou Chico Buarque.

Como foi ser produzida pela sua irmã, Mart'nália?
MAÍRA: A gente sempre teve uma ligação muito forte, somos muito grudadas, ela cuida de mim. Para mim foi ótimo trabalhar com alguém com quem tenho intimidade. Não fica aquela insegurança, o medo de encarar uma coisa nova.

INTERNACIONAIS

BMI AMPLIA REPASSE DE ROYALTIES

A Broadcast Music Inc. (BMI), sociedade americana de gestão coletiva, anunciou que vai repassar *royalties* de performances ao vivo realizadas em casas de show de qualquer porte nos Estados Unidos a partir de julho. A novidade foi possível graças a um serviço online recente, chamado BMI live, onde são catalogadas também apresentações pequenas e médias. Antes, a distribuição era calculada a partir de uma base de dados com apenas os maiores shows do trimestre e seu repertório. No site da UBC, é possível informar sobre obras executadas em território americano. Basta acessar a ferramenta "Informe seu Show" e enviar os seguintes dados: data e local da apresentação, telefone e endereço do local (incluindo código postal), capacidade da casa e produtor responsável.

HOLANDA CONTRA O DOWNLOAD ILEGAL

O governo holandês quer modificar sua legislação de direitos autorais para proteger obras de violações virtuais. Hoje, é proibido no país somente o *upload* de músicas e filmes protegidos por *copyright*, mas não seu *download*. As leis locais por enquanto só impedem que os internautas baixem jogos e outros tipos de *software*. As novas regras poderiam facilitar o bloqueio de sites estrangeiros como o sueco The Pirate Bay, que exploram a brecha legal alegando que apenas facilitam a troca de arquivos, em vez de apoiar o *upload* de conteúdo.

LICENCIAMENTO UNIFICADO NO MÉXICO

A Sociedade de Autores e Compositores do México (SACM) e os Editores Mexicanos de Música (EMMAC) unificaram suas atividades de licenciamento para o uso de músicas para internet e outras mídias digitais, como a telefonia celular. Com o convênio, o país entra para a vanguarda da gestão de direitos autorais. Entre os usos que o novo escritório vai licenciar estão os de execuções tipo *streaming*, *podcasts*, *vodcasts* e *webcasts*. A unificação deve fazer com que usuários gastem menos tempo e dinheiro com licenças para explorar obras musicais na internet e na telefonia celular.

DIREITO AUTORAL PÓS-TERREMOTO NO JAPÃO

O terremoto seguido de tsunami e a ameaça nuclear que atingiram a região de Tohoku, no Japão, em março, também causaram preocupação e alterações no cotidiano da Sociedade Japonesa de Direitos de Autores, Compositores e Editores (JASRAC, sigla em inglês). Embora não tenha feito vítimas nos quadros da sociedade, a tragédia provocou a transferência das atividades do escritório da região para a matriz, em Tóquio. Em *e-mails*, o presidente da JASRAC, Mitsuo Sugawara, e o gerente de relações internacionais, Satoshi Watanabe, agradeceram o apoio da UBC durante o período que sucedeu o desastre natural.

SARKOZY QUER INTERNET MAIS 'CIVILIZADA'

O presidente da França, Nicolas Sarkozy, declarou que pretende discutir com o G20 (grupo que reúne os países ricos e emergentes do mundo) regras mais restritivas para a troca de conteúdo protegido por direitos autorais na internet. Em seu anúncio, Sarkozy falou da necessidade de uma rede mais "civilizada", onde os direitos de autor sejam levados em conta. "É muito mais importante do que a simples questão econômica, porque o dia em que não se remunerar mais a criação, ela será morta", afirmou. De acordo com a lei francesa atual, caso um usuário desrespeite sistematicamente material protegido por meio de *downloads* ilegais, ele pode ter seu acesso à internet cortado judicialmente. O presidente manifestou a intenção de realizar a cúpula antes do encontro do G20 em Cannes, marcado para novembro.

STREAMING CORRE NA FRENTE DOS DOWNLOADS

Um levantamento realizado pela agência de pesquisas Nielsen para a conferência Midem, revelou que 17% dos entrevistados pagam para baixar músicas, enquanto 26% costumam reproduzir música por *streaming*. O relatório, divulgado no fim de março deste ano, é a última das quatro enquetes feitas em parceria entre Nielsen e Midem, e mostra que o número de pessoas que têm conhecimento dos serviços por *streaming* e estão dispostas a usá-los é menor do que o daquelas que conhecem, mas não estão interessadas. Além disso, apenas 22% dos respondentes que utilizaram *streaming* revelaram que estão dispostos a pagar por isso. Ao todo, 26 mil consumidores foram entrevistados online, em 53 mercados em todo o mundo.

Crowdfunding

O mecenato ganha a rede

ENTENDA COMO FUNCIONAM AS PLATAFORMAS COLABORATIVAS DE FINANCIAMENTO QUE AJUDAM ARTISTAS A VIABILIZAR PROJETOS COMO DISCOS, SHOWS E CLIPES

Por Ana Lúcia Borges * Fotos de divulgação

A cantora gaúcha Gisele De Santi lembra a madrugada que passou em claro para produzir um vídeo amarrando uma entrevista sua a trechos de shows e de um clipe. O material seria postado na internet a fim de apresentar o projeto "Chama-me", um espetáculo seu previsto para acontecer em Porto Alegre, e angariar fundos para sua realização. O site em questão? Catarse.me, uma recém-criada e promissora plataforma colaborativa de financiamento em que os internautas desembolsam pequenas quantias para patrocinar projetos e ajudar a tornar realidade os sonhos de seus autores. A página faz parte de um movimento maior, o chamado *crowdfunding*, que se consagra como um tipo de mecenato pós-moderno e começa a ganhar força por aqui.

"Os editais de financiamento não atendem à demanda de projetos culturais existente no Brasil. O *crowdfunding* vem como uma forma mais democrática, direta e pessoal para conseguir patrocínio. É o público quem decide quais projetos serão atendidos. E isso é maravilhoso", conta Gisele, que tinha até 31 de maio para arrecadar os R$ 8.750 de que precisava para realizar o show de 90 minutos, planejado para este mês no Teatro do CIEE, na capital gaúcha. "Penso em utilizar o *crowdfunding* para outros projetos de show. Para álbum, é uma possibilidade mais adiante. O público ainda está conhecendo como funciona. Mas acredito que é o tipo de ideia que veio para ficar e sacudir as velhas estruturas de captação de patrocínio, trazendo mais interação entre público e artista. Serve até mesmo como uma consultoria, para saber qual é o número de pessoas que se interessa por determinado projeto, e se, então, vale a pena executá-lo", completa ela, que conheceu o Catarse.me por meio de sua produtora, Kika Lisboa.

O funcionamento das plataformas desse tipo que já atuam no Brasil (em torno de uma dúzia) é semelhante. Em geral, o autor cria seu projeto e posta-o no site — após um criterioso processo de aprovação, como uma curadoria — dizendo de quanto dinheiro precisará para tirá-lo do papel, em busca de incentivadores. O esquema é com base no conceito do "tudo ou nada". Se a quantia estipulada como meta for alcançada dentro do prazo fixado (em geral, de 30 a 45 dias, mas podendo chegar até 90), o valor vai para o autor, e o "patrocinador" ganha recompensas exclusivas estabelecidas previamente pelo dono do projeto, como incentivo. Caso não se levante a grana necessária, a verba volta para as mãos do colaborador. Dessa forma, ninguém perde. Simples assim.

O Catarse.me (www.catarse.me), que abrigou o projeto de Gisele, é considerado a primeira plataforma por aqui, nesse formato colaborativo, a fomentar projetos criativos (de espetáculos de dança a propostas de literatura, jornalismo, fotografia, arquitetura...). Antes de seu lançamento, em janeiro deste ano, já fazia sucesso no país o Queremos (www.queremos.com.br), que mobiliza virtualmente multidões para financiar a realização de shows – e, segundo seus fundadores, nasceu de uma necessidade: diversos eventos internacionais estavam vindo ao Brasil, mas não ao Rio – e já trouxe a palcos cariocas nomes como Miike Snow, Belle & Sebastian, Mayer Hawthorne, Two Door Cinema Club, Vampire Weekend e LCD Soundsystem. Também era popular o Vakinha (www.vakinha.com.br), que levanta dinheiro para de tudo um pouco (da compra de alianças para casamentos à vacinação de animais, passando pela reconstrução de casas). Mas a proposta do Catarse.me tem outro escopo, conta Diego Reeberg, fundador em parceria com Luís Otávio Ribeiro.

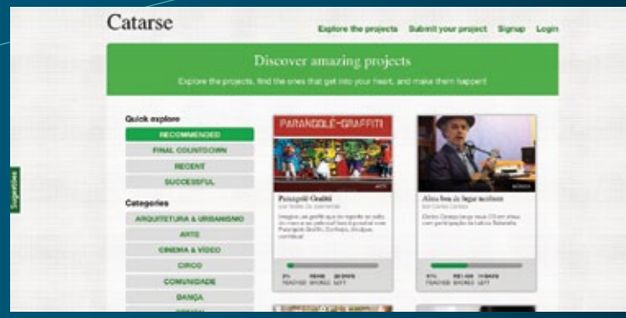
"Eu e o Luís queríamos empreender alguma ação inovadora, e procurávamos iniciativas que estivessem acontecendo com sucesso no exterior. Chegamos à plataforma americana Kickstarter (veja mais na página 10 desta reportagem). Era tudo de que precisávamos: uma forma de a internet promover uma mudança social e, ao mesmo tempo, atender a uma demanda de nosso mercado, já que por aqui falta financiamento para projetos criativos".

Em novembro passado, os sócios começaram a pavimentar o caminho para a divulgação do site: criaram um blog com posts diários para apresentar e discutir o conceito do *crowdfunding*. Essa exposição pré-lançamento foi decisiva: dos cinco projetos que estrearam no Catarse.me, quatro chegaram ao site via blog. Em seus três primeiros meses de funcionamento após a estreia, a página já somava 990 apoiadores; havia registrado 1.206 apoios; tinha 4.088 usuários cadastrados, e arrecadara R$ 97.300 para 23 projetos (mais da metade deles bem-sucedida). Um mercado dinâmico, que muda a cada momento: no fim de abril, por exemplo, o Catarse.me uniu esforços com a plataforma Multidão (www.multidao.art.br), formando o Grupo Comum (www.comum.cc). Dinâmico e repleto de experiências comoventes.

"Um projeto que nos tocou muito foi o Villa-Lobos in Jazz. Eles haviam sido convidados para apresentações na Suíça e na Alemanha, e precisavam levantar R$ 5 mil para a viagem. Nas duas últimas horas restantes para expirar o prazo no ar, ainda faltavam R$ 300 para atingir a meta. Foi tenso, mas eles conseguiram. Estavam acompanhando os momentos finais pelo Skype, e ficaram emocionados", lembra Diego, recordando outras iniciativas de música, como o Movimento Elefantes, que alcançou seus R$ 1.980 para prensar 1.000 CDs, e a proposta de gravação do terceiro álbum do sexteto Luísa Mandou um Beijo, que pedia R$ 5 mil até o fim de maio.

A seleção para decidir quais projetos levar adiante é rigorosa: dos 200 recebidos pelo Catarse.me até abril, pouco mais de 10% foram postos no ar. De forma semelhante atua o carioca Movere.me (www.movere.me), funcionando desde março após um ano de desenvolvimento da ideia, conta o fundador Bruno Pereira, sócio de Thiago Fontes, Enzo Motta e Bernardo Tausz na empreitada.

"Compartilhamos a oportunidade de ajudar as pessoas a realizarem seus sonhos. No Brasil, é difícil arrumar verba. No *crowdfunding*, o público diz: 'o dinheiro é meu e vai para este projeto'. É diferente dos recursos provenientes de nossos impostos, administrados pelo governo, sobre os quais não temos controle", comenta ele, que tem discutido como aumentar o tamanho do mercado, que hoje se concentra, especialmente, no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, com uma esticadinha para Minas Gerais. "O Sudeste domina a participação, mas queremos estender isso. O grupo Mombojó, de Pernambuco, por exemplo, já sinalizou que gostaria de participar da iniciativa para viabilizar a realização de shows em algumas cidades".



Entre os projetos de destaque que já passaram pelo Movere.me, estão alguns apaixonantes, como o do grupo Sururu na Roda, que tinha até o fim de maio para levantar os R$ 34 mil necessários para gravar um CD com canções de Nelson Cavaquinho numa homenagem ao centenário do compositor. “O que me move? O que nos move é Nelson do Cavaquinho”, dizia Nilze Carvalho, vocalista do grupo, no vídeo de apresentação do projeto no site, respondendo à instigante pergunta-padrão do Movere.me. Como estímulo para quem investe, o Sururu na Roda oferecia recompensas como chope com a banda num bar; jantar com os integrantes; *tour* por lugares tradicionais para o samba no Rio; um dia acompanhando a gravação do CD, e até show acústico exclusivo (tudo variando de acordo com a faixa de valor doado). As recompensas, aliás, pretendem aproximar ainda mais o público dos projetos em que aposta.

“Queremos que o cara que deu o dinheiro tenha uma experiência legal. Pode ser um almoço, uma habilidade que o artista tenha... A cantora Carrah Flahive, por exemplo, vai preparar cookies para incentivadores que a ajudarem a gravar o CD ‘The Tumbling Years’. É uma ferramenta afetiva para incentivar a coletividade”, explica Bruno, recordando que a Banda Ganeshas, que levantou os R$ 1 mil necessários para a gravação do clipe “Jesus”, oferecia de um jantar romântico com seu baixista (a recomendação era levá-lo ao Bob’s) a uma partida de boliche com os integrantes.

Outra recém-chegada à rede é a Benfeitoria (www.benfeitoria.com), lançada no fim de abril pelo casal Tatiana Leite e Murilo Farah, com o sócio Raphael Chabar. Eles a definem como a primeira “gratuita”, por não cobrar comissão dos autores, caso o projeto seja viabilizado – o que varia, dependendo da plataforma, de 5% a 15% sobre o total arrecadado.

“Não somos contra a comissão. Ela é justa, diga-se de passagem. Mas as taxas de transações financeiras no Brasil já são muito altas. Se ainda fôssemos pôr 5% de comissão em cima, isso poderia desencorajar a realização de projetos. Pensamos em outros modelos para obter receita, como parcerias com grandes empresas e serviços *freemium* (opcionais pagos). Mas ainda não sabemos como isso vai funcionar, é tudo muito novo”, explica Tatiana, que pôs a página no ar com seis projetos, entre eles a viabilização do terceiro disco da banda Jazzafinado e a produção de um aparelho de identificação de cores de baixo custo para deficientes visuais.

Justamente por este ser um mercado ainda a ser desbravado, e que por vezes enfrenta a desconfiança do público, a competição entre as diversas plataformas tem sido bastante amistosa. E colaborativa, como prega a própria filosofia do negócio.

“As plataformas precisam se unir, apesar de serem concorrentes, porque essa cultura está apenas começando. Mas já sabemos que temos nas mãos uma ferramenta poderosa, inclusive de pré-venda, pois elimina o risco. Primeiro você vende, depois é que produz. Ou todo mundo ganha, ou ninguém perde”, afirma Tatiana.

“As possibilidades do mercado são muito grandes. Vale mais a pena que divulguemos juntos, e, assim, cresçamos todos juntos. Por isso, fazemos uma série de eventos em parceria”, conta Diego, do Catarse.me, alertando para a necessidade de seriedade dos empreendedores. “Apesar do pouco tempo, já houve plataformas que não deram certo. É preciso haver transparência quanto à destinação do dinheiro, ainda mais num segmento em que já há uma desconfiança natural. Planejamos, por exemplo, expor as nossas contas na internet”, conclui.

COOPERAÇÃO VIRTUAL AVANÇA NO EXTERIOR

O grande inspirador para o movimento de crowdfunding no Brasil foi o americano Kickstarter.com. Fundado em 2009, já serviu de cenário para que 380 mil pessoas solicitassem mais de US$ 30 milhões para realizar, no esquema “tudo ou nada”, seus projetos – muitos deles fascinantes, de documentários a livros ou discos. Seu projeto de maior sucesso foi o Diaspora, uma rede social baseada no *peer to peer*, que garante a privacidade das informações dos usuários. Seus idealizadores pediram US$ 10 mil e acabaram arrecadando mais de US$ 200 mil, envolvendo seis mil pessoas.

Outro estrangeiro que permite o financiamento de projetos – mas apenas musicais – é o Microfundo (microfundo.mymondomix.com). O conceito, aqui, é diferente: o público coopera pagando uma anuidade ao instituto de microfinanciamento, que faz a gestão desse fundo para investir em gravações, shows e turnês dos artistas. Em troca, o colaborador tem vantagens como acesso exclusivo a centenas de discos produzidos e descontos em ingressos.

Mas tais ações colaborativas não estão livres de percalços. O SellaBand.com, selo online holandês que grava discos com dinheiro arrecadado entre fãs, por meio do *crowdfunding*, foi lançado em 2006. Em 2010, porém, foi à falência. Mas logo voltou à ativa, ao ser adquirido por investidores alemães. Ao todo, cerca de 60 discos já foram gravados, e aproximadamente 4.200 artistas estão cadastrados no site. Entre eles, o brasileiro André Abujamra, cujo projeto, postado em dezembro de 2006, precisava levantar 39.400 euros.

FIQUE DE OLHO

LEI DO DIREITO AUTORAL: ANTEPROJETO DEVE SER CONCLUÍDO EM JULHO

O Ministério da Cultura (MinC) divulgou, no fim de abril, o cronograma com as etapas da revisão da Lei de Direitos Autorais (LDA). Entre 25 de abril e 30 de maio, o anteprojeto (APL) que propõe alterações na LDA recebeu contribuições da sociedade, a fim de se aperfeiçoar o texto. Até o fechamento desta edição, a UBC ainda estava analisando o material para fazer suas considerações, que serão divulgadas em nosso site. Com essa fase, teve início a última etapa de elaboração da proposta final a ser apresentada pelo governo ao Congresso Nacional. As contribuições seriam apresentadas em evento público pelo MinC no fim de maio. Até 14 de julho, preveem-se a elaboração da redação final do anteprojeto pelo MinC; a submissão do APL revisado ao Grupo Interministerial de Propriedade Intelectual; a realização de adequações ao texto; e, em 15 de julho, o envio do APL à Casa Civil. Leia mais sobre esse processo em www.cultura.gov.br.

SAIBA MAIS SOBRE A DISTRIBUIÇÃO DO YOUTUBE

Na edição de setembro da Revista UBC, anunciamos o acordo firmado entre o YouTube e o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad) para o pagamento de direitos arrecadados relativos a obras disponibilizadas no site. O primeiro pagamento foi em setembro, e a distribuição começa este mês. Para que seja feita a identificação das execuções, a Google manda ao Ecad as informações das músicas contidas nos vídeos acessados no Brasil. Assim, o escritório tem em mãos a quantidade de visualizações e as informações suficientes para identificar obras e fonogramas (título, autores, intérpretes e ISRC), além do link para auditar os dados. Para fazer a divisão dos valores, serão considerados os fonogramas mais executados (visualizados). O valor mínimo para pagamento do último fonograma do ranking será de R$ 1 – a linha de corte. A divisão entre obra e fonograma seguirá a seguinte proporção: 2/3 (para direito autoral) e 1/3 (para conexo). Haverá duas distribuições este mês: a primeira respeita o calendário definido para as distribuições de mídias digitais, ou seja, considerando os valores recebidos e as execuções musicais de julho a dezembro de 2010; a segunda se refere aos valores recebidos retroativos ao período de junho de 2007 (início da operação do YouTube no Brasil) até junho de 2010. Em tempo: o valor que será pago, no total, não deve passar de R$ 1 milhão. E a maior parte deve ir para artistas estrangeiros – encabeçados pelo ídolo *teen* Justin Bieber.

PAGAMENTO DE TV A CABO: CASO NET/SP

Em defesa do direito de milhares de artistas e por descumprimento à Lei 9.610/98, o Ecad entrou com ação contra a NET/SP em decorrência das utilizações não autorizadas de obras musicais sem a devida retribuição autoral. Diante do ajuizamento, foi determinado que a NET/SP realizasse o pagamento dos direitos autorais desde janeiro de 2004, incluindo as prestações que estavam por vencer até a data da efetiva quitação. A sentença determinou ainda a imediata suspensão da transmissão das músicas pela NET, sendo fixada multa de R$ 1.000,00 para cada oportunidade em que houvesse fiscalização e a empresa fosse surpreendida infringindo a determinação. Insatisfeita com a sentença, a NET/SP recorreu da decisão, mas a apelação foi negada este ano. A NET/SP ainda poderá recorrer ao Superior Tribunal de Justiça (STJ).

FESTA CELEBRA A INAUGURAÇÃO DA FILIAL DE GOIÁS

As operações da mais nova filial da UBC, a de Goiás, sediada na capital, Goiânia, começaram com força total em julho passado. Mas a festa para marcar a inauguração foi realizada dia 17 do mês passado. Capitaneado pela gerente Cléo Barreto, o escritório atende a uma cena musical rica, que vai do sertanejo ao rock independente, passando por choro, MPB, pop. Em breve, você verá as fotos da comemoração em nossa newsletter, a UBC News.

ESTÁ NO AR O PORTAL DO ASSOCIADO: CONFIRA!

A UBC lançou este ano o portal do associado, por meio do qual você pode consultar suas obras com as informações de percentual; checar seus fonogramas com detalhes; atualizar seus dados cadastrais; realizar pesquisa de possíveis créditos retidos e ainda fazer *download* dos seus demonstrativos e recibos. Para este último serviço, é preciso enviar um *e-mail* pedindo para ter acesso a essas informações de forma eletrônica. Assim, você deixará de receber a versão impressa dos informativos, contribuindo para a preservação do meio ambiente. Para fazer essa solicitação e também obter o login e a senha de acesso ao portal, escreva para atendimento@ubc.org.br.

O mangue vive

PASSADOS 20 ANOS DO PRIMEIRO SHOW DA NAÇÃO ZUMBI, FUSÃO DE RITMOS PROPOSTA POR CHICO SCIENCE CONTINUA INFLUENTE E SE DESDOBRA EM NOVOS SONS

Por Bruno Albertim * Fotos de divulgação

Olinda e Recife se preparavam para mais um carnaval quando a notícia sangrou no plantão de domingo. Depois de passar o dia com amigos na prévia do bloco Enquanto Isso na Sala de Justiça, Francisco Assis de França chocava seu Fiat Uno num poste entre as duas cidades. Aos 30 anos, em 2 de fevereiro de 1997, morria Chico Science. Com ele, parecia ter fim também a cena musical que protagonizava. “A morte encerra os anos 90 no Brasil”, precipitava-se a Folha de S. Paulo, liderando um coro generalizado na imprensa brasileira. “O único movimento musical que se pôde produzir aqui desde a Tropicália – e lá se vão 30 anos – acaba de ser abruptamente abortado”, seguia o texto.

Tão logo concluía que se tornavam ínfimas as expectativas para colocar de novo a música brasileira nos trilhos da evolução criativa, o artigo jogava a responsabilidade da herança num dos companheiros de primeira hora de Chico: “Os talentos emepebísticos brilharão, sem o perigo da inteligência, até que surja outro Science. E o gênio de Fred Zero Quatro, agora, vai ter que aguentar a solidão”. O atesto de óbito da cena contemporânea da música em Pernambuco, felizmente, não se confirmou. No vácuo insuperável da ausência de Chico Science, bandas e músicos se reinventaram, novos grupos surgiram sob a influência confessa dos (hoje) patriarcas da música pop pernambucana. Depois de 20 anos do primeiro show do Nação Zumbi, a cena está barulhenta como nunca. Ou melhor, como sempre.

Tanto quanto Science e sua Nação Zumbi, celebrados pela união do contemporâneo com o popular, Zero Quatro já tinha seu nome garantido como verbete. Tocando samba e rock com a Mundo Livre S/A, ele era o sujeito que reabilitou o cavaquinho no pop nacional. Mas não queria carregar, sozinho, o peso de uma herança. Como fez antes com Chico ao lançar as bases no manifesto Mangue, escreveu um novo libelo após a morte do amigo. Um atestado não de óbito, mas de fertilidade.

“Houve muita manchete dizendo que o mangue acabou, derrapou com o asfalto. Logo depois de uma semana, quando nos recuperamos do choque, soltamos o segundo manifesto: ‘Quanto Vale uma Vida?’”, lembra. “Em nenhum momento, achei que a cena tinha morrido ali. Estávamos prestes a lançar (o disco) ‘Carnaval na Obra’. O que se viu, na verdade, é que a morte dele catapultou o mangue. Chico era o compositor de quem todo mundo queria mais músicas no Brasil. Mas, contraditoriamente, no Recife, umas mil pessoas o conheciam. Com a repercussão, se viu o quanto ele era respeitado”, diz Zero Quatro, que estava em turnê pelo México quando soube do acidente.

O mangue, enfim, estava pulverizado de sementes. Vocalista da extinta Sheik Tosado, uma “legítima” banda pernambucana, com seu hardcore pleno de frevo e samba, China, por exemplo, só se decidiu pela música depois de assistir aos shows históricos do mangue.

“Resolvi virar músico depois que vi um show de Chico Science e Nação Zumbi no Abril pro Rock de 96. Quando vi um cara que falava igual a mim e que morava na mesma cidade que eu, arrastando aquele monte de gente e fazendo todo mundo se orgulhar de ser pernambucano, pensei: posso fazer isso também!”, lembra.

Atual VJ da MTV, China hoje comanda um programa em que apresenta novidades no line-up nacional. Temperado pelo sotaque mais que assumido. “Ele só me ajuda. Pensei que a MTV ia me pedir para fazer fonoaudiólogo para ficar com um sotaque neutro, mas não. Eles querem exatamente isso”, conta ele, cujas referências também incluem Devotos, Eddie, Ortinho e Mombojó.

Numa fase mais cronista, de letras até fredzeroquatrianas, China está empenhado no próximo álbum. Mesmo que use elementos tão explícitos da cultura popular pernambucana, o Recife está sempre no cerne de sua criação, diz:

“É a água que eu bebo. Foi onde aprendi tudo sobre a cultura popular, sobre a cena urbana, e, cada ponte dessas, cada La Ursa (*brincadeira típica do carnaval pernambucano, em que um homem se veste de urso*) e tudo o que vivi e vivo em Recife faz parte do meu processo criativo”, define ele, atualmente morando na capital paulista.

Banda que poderia se situar numa segunda geração do pop contemporâneo de Pernambuco, a Mombojó, por exemplo, acabou definindo sua sonoridade por contraposição, sem a abundância de ritmos pernambucanos e populares dos primeiros tempos.

“Recife nos influenciou diretamente, com várias bandas. Mas acho que, até pelo fato de na época em que surgimos muita gente usar elementos regionais, tentamos algo diferente”, diz o vocalista Felipe S., cuja elogiada discografia de rocks e baladas conjuga estranhezas e mesmo hermetismos com bossa nova elétrica.

Enquanto o experimentalismo seduzia os mais novos, alguns veteranos mergulharam de vez no que se convencionou chamar de raízes. No fim dos anos 80, Siba Veloso empunhou muita guitarra em bandas de garagem. Com o Mestre Ambrósio, sua música e a de seus parceiros deram roupagem pop a sons extraídos da cultura popular. “A gente queria ser uma banda de rock, mas com esses elementos regionais”, lembra. Cultura popular é um termo, aliás, que o músico rejeita. “O termo é excludente e preconceituoso. Cavalo marinho, maracatu, cantoria de viola, entre outros, são coisas muito diferentes entre si”, afirma Siba.

Siba

A partir das pesquisas com os poetas e músicos da Zona da Mata de Pernambuco, o som de Siba ficou cada vez mais acústico. O interesse virou imersão. Ele então se mudou para a pequena Nazaré da Mata, onde passou a viver ao lado de entidades da cultura tradicional como Biu Roque e Maracatu Estrela Brilhante. O resultado foi o grupo Siba e a Fuloresta, cuja assinatura inclui cirandas e maracatus.

Mas, nem à época do Mestre Ambrósio, Siba queria encontrar uma catequese musical. "O *approach* era muito específico, não tínhamos uma coisa deliberada de nos apropriar do que quer que fosse. Nós já éramos pessoas com ligações com os morros, com o candomblé. Tínhamos a sensação de dividir um momento. Mas não queríamos saber se Nação Zumbi era mais rock, se tinha mais tambores, ou se o Eddie tinha mais isso ou aquilo", afirma ele, que atualmente mora em São Paulo.

Como Zero Quatro, Siba sempre soube que o momento musical que ajudou a inaugurar não morreria com Chico Science. "De todos nós, ele foi o sujeito com maior capacidade de diálogo com o *mainstream*. Era um grande *performer*, um pop star. Natural, portanto, que se achasse que o movimento acabaria. Ele era a ponta da lança".

Assim como Otto, que largou o expediente como baterista da Mundo Livre S/A, pegou o microfone e virou um dos nomes obrigatórios no pop nacional, muita gente se reinventou desde as primeiras parabólicas na lama. De um grupo que venerava – e reproduzia – o punk-rock dos Ramones até se firmar com seu "Original Olinda Style", a Eddie se fez até uma banda de reggae. Com seu rock'n'roll carnavalizado, de beijos com o frevo e mesmo o samba de gafieira, o grupo está em seu melhor momento de crítica e público. Mas nenhuma fórmula é eterna. "Não sei se essa é nossa musicalidade definitiva, sempre procuramos mudanças, se repetir acaba com o prazer de fazer música", afirma o *frontman* Fábio Trummer.

As letras do olindense são também crônicas cheias de referências a personagens, garotas e inferninhos locais. A canção de maior repercussão nacional, "Quando a Maré Encher", tocada por Nação Zumbi e Cassia Eller no Rock in Rio, em 2002, tem como mote central o canal da Agamenon Magalhães, artéria viária de união entre os dois municípios, cortada por uma língua negra usada como "praia" pelos meninos das favelas. "Eu não seria o mesmo músico se não tivesse crescido entre Recife e Olinda. Por estar fora do eixo ditador de tendências musicais, tivemos uma liberdade maior de criação", defende Trummer, que hoje tem também um CEP paulistano.

Mundo Livre S/A

Antigo parceiro de Fabinho na Eddie, Roger Man é outro que se reinventou bastante nesse período. Fundou e acabou com a curta, porém elogiada, carreira da Bonsucesso Samba Clube, e, atualmente, está em voo solo. Há ainda quem, deliberadamente, permaneça fiel ao início. Apesar da convivência frutífera com a cultura popular, Canibal, por exemplo, segue firme em seu punk-rock-hardcore. O que nunca impediu que sua Devotos fosse incluída no amplo guarda-chuva do mangue. "Fomos inseridos dentro do movimento porque nós não fechamos os olhos para o que estava acontecendo", conta.

Das primeiras bandas, os mais novos parecem ter herdado, sobretudo, a capacidade de se associar. Formada em 2008, a Orquestra Contemporânea de Olinda é um dos símbolos disso. Idealizada pelo percussionista Gilú, a OCO é uma *big band* de 13 jovens músicos pernambucanos que já bateram cartão em trabalhos anteriores ou paralelos em grupos como Bonsucesso Samba Clube, Academia da Berlinda, Variant, DJ Dolores & Orchestra Santa Massa e Terno do Terreiro. A OCO fez sua primeira turnê internacional em abril do ano passado. Na mala, trouxe uma elogiosa crítica do jornal The New York Times.

Membro da OCO, o baterista Rapha B também milita em outro grupo que tem chamado atenção: Zé Cafofinho e as Correntes, liderado pelo multi-instrumentista Tiago Andrade. Seu novo álbum, "Dança da Noite", mereceu elogios rasgados. "O disco tem uma tensão muito interessante entre antigo e moderno, raiz e antena, rural e urbano. A textura sonora remete a um monte de coisas bacanas de África, Caribe, samba e sertão, mas tem um lance ali muito próprio, original", defende Arnaldo Antunes, que divide com Cafofinho (apelido de Andrade) os vocais na faixa-título.

Outro destaque da cena atual é Isaar, antiga companheira de Karina Buhr na banda Cumade Fulozinha. Além de ter lançado os atmosféricos discos solo "Copo de Espuma" e "Azul Claro", a cantora é uma das vozes do projeto Orquestra Santa Massa, onde maracatu e lirismo eletrônico são orquestrados por Helder Aragão, o requisitado DJ Dolores, um dos maiores síndicos dos condomínios musicais montados e desmontados no estado. "Hoje, eu faço algo que não é exatamente um DJ set convencional, porque misturo muitas coisas. É como fazer jazz a partir de faixas prontas", explica Dolores.

A convivência harmônica entre escolas distintas em Pernambuco tem como metáfora a festa Sem Loção, comandada pelos DJs Lala K e Felipe Machado. Realizada a cada 15 dias num antigo inferninho, o Francis Drinks, a balada toca desde as bandas locais a bregas descarados, piadas musicais, hits oitentistas e o que há de mais novidadeiro em pistas de Berlim ou Istambul. Otto, Lirinha e quem mais estiver pela cidade costumam chacoalhar na noitada, que tem versões esporádicas no Rio e em São Paulo.

No cenário atual, mesmo os veteranos da fusão ainda têm capacidade de surpreender como novatos. Já em fase de finalização, próximo disco da Mundo Livre S/A deve trazer novidades. "Falta ainda uma voz feminina para uma faixa que Pupilo (Nação Zumbi) está mixando", adianta Zero Quatro. Ele antecipa que a complexidade sonora deve ter pilares bem mais eletrônicos do que os anteriores. "Acho que esse disco tem muito refrão e canções assoviáveis. Eu só não diria que é um disco comercial porque temos ainda dificuldade de fazer músicas menores", diverte-se.

Zé Cafofinho

Para além das idiossincrasias de cada grupo, um dos objetivos do Manifesto Mangue foi plenamente alcançado: a concretização de uma cena pop no Recife, antes mais uma periferia da indústria cultural brasileira. "Nós somos considerados, se não o último movimento, a última cena, inspirada em outras como o *underground* da Inglaterra e o próprio grunge. Tínhamos uma diversidade sonora e até uma identidade visual", afirma Zero Quatro, que levou garotos e garotas a portar chapéus de palha e colares com chips. Para ele, o estalo para a junção deliberada de elementos veio com o álbum "Ô Blésq Blom", lançado pelos Titãs em 1989, que tinha a participação dos repentistas Mauro e Quitéria. Outro norte da cena foi o Abril pro Rock, onde o público dançava os cocos de dona Selma e pogava em shows de punk.

Com a nitidez que só o tempo passado permite, Fred já enxerga com distanciamento o mangue beat. "Sim, são dois momentos, duas gerações", destaca. Seu público mudou. Remoçou. "Na plateia, tem gente muito nova. Em Minas, a banda que abriu um show nosso conhecia tudo, diziam que montaram o grupo por causa da gente. Os próprios caras do Mombojó dizem isso", conta Fred, que, além de músico, tem aprendido a ser, ele mesmo, uma referência.

CENA ENGAJADA NA DEFESA DO DIREITO AUTORAL

Outro dia, Fred Zero Quatro se surpreendeu com um depósito em sua conta. Era relativo a direitos autorais pela execução de composições suas em rádios e TVs da Europa. Outra vez, recebeu os direitos relativos à inclusão de uma canção da Mundo Livre S/A numa série americana.

"Vivemos um momento em que a música brasileira conquista cada vez mais espaço nas programações de rádio em todo o mundo, sobretudo na Europa e no Japão, e o sistema do Ecad, por meio de sua associação com escritórios de arrecadação de todos os países desenvolvidos, tem sido eficaz como instrumento de defesa dos interesses dos autores brasileiros", diz ele, sobre o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição.

Artista com o hábito (cada vez mais raro) de se posicionar politicamente, Zero Quatro é um defensor da manutenção dos direitos de remuneração pela criação artística, quase sempre ameaçados pelos grupos que defendem o livre acesso aos conteúdos na internet. "A discussão em torno dos direitos autorais é permeada por ignorância e hipocrisia. No dia em que o Governo tomar qualquer iniciativa visando a obrigar os bancos a disponibilizar as senhas das contas de seus correntistas, em nome do 'acesso livre à informação', aí eu abrirei mão, de bom grado, do meu direito autoral", compara, ironicamente.

"Essa é a informação que conta, para diminuir a miséria, ou seja, distribuir dinheiro. Se as informações sobre as receitas dos grandes criminosos do colarinho branco e dos proprietários de fábricas de armas de fogo devem permanecer como conteúdo protegido, e ninguém questiona esse direito, por que o pobre compositor não deveria ter o direito de tentar proteger o produto do seu digno trabalho? Sinto-me no dever de testemunhar em defesa do imenso esforço que tem sido feito pelo escritório (Ecad), no sentido de tornar o sistema cada vez mais transparente e confiável", segue.

Apesar de disponibilizar conteúdo gratuito, China também é favor da prerrogativa legal de não fazê-lo. "Se o artista quer botar a sua música na net gratuitamente, beleza! Eu trabalho dessa forma, pois sei que vou ganhar em outros aspectos. No meu caso, por exemplo, também faço shows. Mas e o cara que é só compositor? Como esse cara vai viver?", diz ele."Mas sou contra achar que a música tem que ser de graça, que o conteúdo intelectual tem que ser livre. Por quê? Por acaso, o padeiro dá pão de graça? A moça do supermercado deixa você passar com o carrinho cheio sem pagar nada?", questiona China.

"Nós somos considerados, se não o último movimento, a última cena, inspirada em outras como o *underground* da Inglaterra e o próprio grunge. Tínhamos uma diversidade sonora e até uma identidade visual". Fred Zero Quatro

FÔLEGO RENOVADO DE UM EMBAIXADOR ‘BLACK’

PARCEIRO MARCANTE DE TIM MAIA, CARLOS DAFÉ GANHA ARES CONTEMPORÂNEOS NOS BRAÇOS DE NOVOS COLABORADORES E FÃS

Por Gustavo Leitão * Fotos de Mariana Quintão

Se a soul music brasileira tivesse um Forrest Gump, ele certamente atenderia pelo nome de Carlos Dafé. Nascido em Vila Isabel, o cantor, compositor e multi-instrumentista de 63 anos sempre foi do tipo onipresente e, como o carismático personagem interpretado por Tom Hanks no cinema, com histórias de vida na ponta da língua para contar. Desde os anos 60, já acompanhou artistas como Tim Maia, Alcione, Nana Caymmi. Na década seguinte, de chapelão e pinta de sedutor, emplacou temas de novelas, teve clipes lançados no “Fantástico” e ajudou a construir as bases do movimento black nacional ao lado de nomes como Cassiano e Gérson King Combo. Para quem pensava que os seus êxitos ficaram no passado, surpresa: acolhido por artistas da nova geração, Dafé está mais ativo do que nunca.

Seu renascimento ganhou força a partir de 2000, quando o pesquisador Charles Gavin relançou em CD dois dos discos clássicos de Dafé: “Pra que Vou Recordar o Que Chorei” (1977) e “Venha Matar Saudades” (1978). Desde então, sua soul sentimental, de embalo e voz suaves, só conquistou espaço. Suas músicas foram regravadas por gente como Seu Jorge e Negra Li e o cantor foi chamado para participar de shows de bandas contemporâneas como Instituto e Funk Como Le Gusta.

“Sou um cara inquieto, nunca me acomodei”, define-se. A prova de seu interesse em novas parcerias está em “Bem-vindo ao Baile”, seu próximo CD, ainda sem previsão de lançamento nem gravadora acertada (“estamos negociando com selos estrangeiros”, antecipa). Produzido por Marlon Sette e Felipe Pinaud, da Orquestra Imperial, o disco tem participações de Toni Garrido, Zeca Baleiro e Marcelo Yuka.

“Minha plateia, hoje, tem muita gente nova”, garante Dafé. Só no mês passado, ele esteve em duas enormes celebrações musicais em São Paulo: na Virada Cultural, onde cantou ao lado da nova formação da pioneira banda Black Rio, e no concerto de lançamento de “Timeless”, DVD gravado em Los Angeles que trouxe de volta o arranjador Arthur Verocai.

Entre seus admiradores recentes está o coletivo Instituto, que volta e meia chama o cantor para tributos ao disco “Tim Maia Racional”. Um deles foi na abertura do show de Amy Winehouse, em janeiro, em São Paulo. A lembrança não é por acaso. Amigos pela vida inteira, Dafé e Tim também tiveram uma parceria artística longa. A história começa em 1972, quando Dafé lançou um compacto. De olho em outros músicos brasileiros antenados com as sonoridades negras que vinham dos Estados Unidos, Tim o convidou para ser tecladista e vocalista de sua banda.

Como muitos outros, Dafé aprendeu a lidar com as excentricidades de Tim, dado aos excessos, inclusive de humores. “Para conviver com ele tinha que ser malandro. Ele era de veneta. A gente tinha que saber a hora de chegar e de ir embora. Nunca deixei ele brigar comigo”, conta o cantor, que algumas vezes viu o amigo soltar os cachorros (literalmente) em casa na direção de algum interlocutor inconveniente. “Ele faz muita falta”, lamenta.

As afinidades entre os dois começavam pelas referências musicais da gravadora americana de soul Motown. No caso de Dafé, essa influência era temperada pelo choro – seu pai, o funcionário público José de Sousa, tocava chorinho em casa – e pelo jazz. A formação musical do compositor começou cedo. Aos 11 anos, já estava no conservatório. “Eu tinha mais facilidade para manejar instrumentos do que brinquedos como pião”, lembra. Por isso, aprendeu vários, que toca até hoje: violão, guitarra, baixo, piano, acordeão e vibrafone.

Foi o lado instrumentista e acompanhador que fez com que o músico ampliasse seu horizonte cada vez mais. Nos anos 70, quando tocava com a banda de jazz do Hotel Nacional, pôde ver de perto shows internacionais de artistas como Liza Minelli e Tony Bennett. Numa dessas, esbarrou com Michael Jackson e seu grupo The Jackson 5. Não teve dúvidas: abordou o ídolo, mesmo sem falar inglês. “A gente conversava por sinais, no inglês *embromation*...”, diverte-se.

O encontro é mais um lance pitoresco numa trajetória cheia deles. Entre os mais dramáticos, estão duas perdas de memória. Em 1978, quando já tinha emplacado vários sucessos, Dafé sofreu um acidente de carro que o deixou em coma durante 15 dias. Mesmo com dificuldades para se lembrar das melodias de suas músicas, ele voltou ao estúdio três meses depois e conseguiu se reerguer com o disco “De repente” (1983). Dez anos atrás, a memória voltou a falhar durante uma viagem a São Paulo. Durante uma parada do ônibus no caminho de volta, o soulman resolveu ir ao banheiro. Viu-se totalmente desorientado. Não sabia onde estava. “Nem esses incidentes conseguiram me afastar da música”, orgulha-se.

COMO FICAM SEUS DIREITOS SE SUA OBRA FOR EXECUTADA NO CINEMA?

Os direitos de músicas inseridas nas trilhas sonoras de filmes exibidos em salas de cinema são distribuídos de forma direta, com periodicidade semestral, levando-se em conta o tempo de execução de cada obra musical. Atualmente, o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad) tem um dos maiores bancos de dados da América Latina, com 2,3 milhões de obras cadastradas, incluindo aí 81 mil obras audiovisuais (filmes, minisséries, novelas etc). O Ecad tem controle sobre as informações das músicas que constam em cada filme, seja nacional ou estrangeiro, sua duração, seus autores e o percentual que cabe a cada autor, entre outros dados. Essas informações são fornecidas pelos produtores audiovisuais, pelos editores das obras musicais ou pelos autores das trilhas sonoras às associações de música, por meio do cadastro das fichas técnicas (*cue sheets*). No caso de filmes estrangeiros, a sociedade de gestão coletiva de direitos autorais do país da produção envia à UBC o *cue sheet* para ser registrado.

PASSO A PASSO DA ARRECADAÇÃO E DA DISTRIBUIÇÃO

O Ecad faz a arrecadação dos direitos autorais pela execução pública das músicas contidas nos filmes exibidos pelas salas de cinema. Os exibidores cinematográficos encaminham mensalmente ao Ecad o borderô de bilheteria do mês anterior, com a relação de filmes exibidos, a receita obtida por cada obra audiovisual e o pagamento dos valores devidos.

A equipe de Arrecadação do Audiovisual do Ecad, a partir da confirmação do pagamento, faz a análise desses dados e envia ao departamento de Distribuição a relação dos filmes exibidos e a receita de cada filme para distribuição dos valores com base nas informações contidas na base de dados. Se o filme já está cadastrado, a distribuição é feita de acordo com sua ficha técnica. Caso contrário, o Ecad solicita às associações os dados sobre os filmes.

A área de Arrecadação realiza, ainda, pesquisas rotineiras das novas salas de exibição a fim de captar novos usuários. Faz constantes levantamentos, também, de novos filmes, tendo como fonte principal sites especializados em cinema, além de meios de comunicação, cartazes etc.

A Distribuição é responsável por informar às associações periodicamente os filmes exibidos nas salas de cinema, e por criar o rol de Cinema para a distribuição dos valores arrecadados, com base nas planilhas encaminhadas pela área de Arrecadação, contendo a relação de filmes quitados.

As associações, como a UBC, por exemplo, têm sua parcela nesse processo: devem cadastrar os *cue sheets* na base de dados, e solicitar ao Ecad a liberação de possíveis créditos retidos por falta de informação. Os autores, por sua vez, devem contribuir informando a UBC sobre a inclusão de seus trabalhos em obras audiovisuais (sincronização) ou orientando a produtora do filme a elaborar o *cue sheet* e enviá-lo à UBC.

COMO SÃO CALCULADOS SEUS DIREITOS

A distribuição dos direitos autorais é direta e ocorrerá conforme a duração de cada utilização de obra, obedecendo à proporção de 2/3 para a parte autoral (autor/compositor; editor/subeditor; versionista) e 1/3 para a parte conexa (intérpretes e produtor fonográfico).

Agora, partimos para a classificação das músicas segundo o tipo de utilização. Dependendo do destaque que a música tem no filme, o peso na distribuição é maior ou menor. Veja a tabela:

12/12	**Tema de abertura**
12/12	**Tema de encerramento**
8/12	**Tema de personagem**
6/12	**Performance**
1/12	**Obras de background (fundo musical)**
1/12	**Demais obras**

CALENDÁRIO DE PAGAMENTOS

A distribuição ocorre sempre duas vezes por ano, em março e setembro. Veja como ficaram os pagamentos este ano:

Mês de distribuição	Período de captação
Março de 2011	Exibições de setembro de 2010 a fevereiro de 2011*
Setembro de 2011	Exibições de março de 2011 a agosto de 2011*

*mais as exibições de 1989 a 1992 do Grupo Severiano Ribeiro.

Atualmente, os exibidores de cinema que estão em dia com os autores são Grupo Severiano Ribeiro, Cinematográfica Araújo, Cinesystem, Moviecom, Box Cinemas, GNC, Lui Cinematográfica, Reserva Cultural, Art Films, entre outros. Porém, ainda existem grandes corporações que não remuneram os compositores. Com estas, o Ecad ainda tenta entrar em acordo para a adequação do pagamento, muitas vezes por via judicial.

Fonte: Ecad

GUILHERME ARANTES AVANÇA NA CONTRAMÃO

AOS 35 ANOS DE CARREIRA, O MULTIFACETADO COMPOSITOR, MÚSICO E CANTOR FAZ CRÍTICAS AO CULTO AO SUCESSO NAS REDES SOCIAIS, FALA DE SEUS PROJETOS E DISCUTE O DIREITO AUTORAL

Por Ana Lúcia Borges * Foto de divulgação

Sucessão de *posts* em blogs, enxurrada de *tweets*, polegarzinho do "curtiu" no Facebook? Nada. Uma navegada no site *low-profile* de Guilherme Arantes dá a pista de que ele anda avesso à efervescência das mídias sociais e às pirotecnias da rede. Em sua página oficial, revela que foge do óbvio das páginas oficiais de artistas, com "fotos bailando na tela" ou "modernidades cosméticas". E opta por expor aquilo que não vê em sites semelhantes: partituras para piano e voz, cifras para violão... Na bem-humorada área dedicada às fotos, aparece em seu estúdio, o Coaxo do Sapo, num recanto charmoso do litoral baiano, tendo ao fundo uma imagem do mestre Yoda, da saga "Guerra nas Estrelas", que parece dar sua bênção para a criatividade inesgotável dos 35 anos de carreira do multitalentoso compositor, músico e cantor. "Produzir preciso é", talvez dissesse, embaralhando as palavras, como de costume, o pequeno líder Jedi. E o incansável Arantes segue a máxima: trabalha em mais um disco de inéditas; e planeja, ainda este ano, o relançamento, inclusive em vinil, de "New Classical Piano Solos", que chegou originalmente ao mercado em 2000, mas passara quase despercebido. Mas, então... cifras no site?

"Tenho brigado muito por causa dessa forma de pensar. Acham que minha página é uma bosta. Minha ideia ali é colocar uma visão crítica sobre esta época. Artistas novos ou não; de vanguarda ou não... Todo mundo usa a mesma linguagem para se vender. A internet está a serviço do culto ao sucesso, algo que me incomoda. Sucesso é uma palavra vazia. Hoje se usa o mesmo kit de mídias eletrônicas para todos artistas. Você desliza o *mouse* e acontecem coisas. Uma besteirada. Mas não é o caso de alguns, claro: há exceções. O Caetano tem poemas no site; o Chico é uma pessoa de conteúdo. E eu quero que meu site tenha muita partitura", sentencia.

Na rede, Arantes resolveu, portanto, ir na contramão e oferecer um repertório que não é praxe entre a maioria dos compositores. Abastece maestros de orquestras com música popular, um conteúdo, em geral, difícil de se achar no mundo virtual – a não ser em alguns sites de cifras, mas nos quais nem sempre se pode confiar, alerta ele.

"E com essa iniciativa já estou colhendo frutos maravilhosos, como um show recente com a Orquestra Filarmônica de Brasília, memorável. Há outros colegas que têm essa preocupação com as cifras, como o Ivan Lins e o Milton Nascimento. É preciso repensar a música no Brasil, ensinar as crianças a tocar de maneira correta, com a harmonia certa, seguindo a partitura. De forma didática, mas prazerosa, usando a música popular", reflete o artista, ele mesmo um iniciado na paixão do piano ainda menino, aos 6 anos.

Falar dos obstáculos à música instrumental no país naturalmente conduz a outro tema: a volta ao mercado de "New Classical Piano Solos", que, segundo Arantes, foi mal lançado há dez anos, ao ser comercializado "numa prateleira de cantores românticos".

"Esse disco tem uma das canções mais bonitas que já fiz, 'Olhar Profundo'. Não ter dado certo foi uma decepção. Mas já haviam me alertado para o descaso com a música instrumental no Brasil", pensa o compositor, que atribui o insucesso do disco à "aterradora incompetência do mercado fonográfico", que, segundo ele, no passado "usufruiu de uma rentabilidade fantástica, mas teve uma gestão péssima".

Esta visão crítica se estende a decisões políticas e à falta de incentivos fiscais à produção de discos por aqui. "Na política, temos bancadas criminosas. Por que não se acabou com a tributação do CD e do DVD? O Sarney, por exemplo, conseguiu acabar com a do livro, e hoje o mercado livreiro avança forte, chegou a engolir o fonográfico. O CD era para custar R$ 5. A única maneira de matar a pirataria seria pelo preço".

Mas o fato de não abusar das redes sociais para se promover não quer dizer que Arantes esteja alheio às discussões relativas ao direito autoral na era das mídias digitais. Pelo contrário. Atento e cuidadoso, prega que, neste momento, é fundamental estimular a robustez do Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad) e das sociedades de autores.

"Nossa democracia está em construção, é infantil. Temos uma legislação antiquada, do *copyright*, ainda da época da música escrita. Sou pelo fortalecimento do Ecad e das sociedades. Vivemos um período de mudanças de plataformas. Hoje, há uma perversão: empresas de telefonia querem engolir a produção de conteúdo no mundo, oferecendo nossas obras para *download* sem compensação alguma para nós. A proposta do mercado é não pagar mais nada ao artista. Há usuários tubarões que não querem pagar nada, e nós somos as tartarugas. Que democracia é essa? Agora querem fazer acordo conosco. Mas, em nome de nossos antepassados, do Ary Barroso, do Pixinguinha, do Tom Jobim, não podemos esmorecer. O fundamento deve ser: 'usou, tem que pagar'. Não importa se é ferramenta digital ou não. Cada vez que houver novos suportes, novas ondas, vão querer renegociar conosco. E não podemos abaixar a cabeça. A questão do direito autoral é um sintoma de um problema maior: os músicos nunca foram considerados intelectuais de primeira grandeza. Nem Bach, nem Mozart, nem Liszt... Há uma hierarquia, na visão dos 'formadores de opinião': literatos, cineastas, dramaturgos, jornalistas são a nata. No segundo escalão, vêm músicos, artistas plásticos, bailarinos, coreógrafos. Somos todos discriminados... Devemos lutar", dispara ele, por telefone, num domingo de sol, enquanto decide se vai almoçar um arroz de polvo ao chegar ao Nova Capela, restaurante boêmio na Lapa. "Adoro o Rio, me sinto carioca. Fico cada vez mais feliz ao vir para cá...".

Arantes veio ao Rio em meados de abril, data desta entrevista, para participar da gravação do primeiro DVD do jovem saxofonista Gabriel Leite, "O Melhor Vai Começar", com direção musical de Guto Graça Melo. Exemplo da união de seus 35 anos de experiência à garra de uma nova geração. E conta que, em seu estúdio-pousada na Bahia, também tem acolhido gente boa, oferecendo espaço de criação, gravação e afins.

"Estamos lançando o disco 'A Cara e o Coração', com bandas de rock baiano (*O Círculo, Hajoe , Radiola, Pirigulino Babilake, Setembro, Maglore, Neologia, Enio e a Maloca e Quarteto de 5*). As pessoas não sabem, mas existe uma cena de rock na Bahia. O projeto é uma releitura dos meus discos 'A Cara e a Coragem' e 'Coração Paulista'", diz o autor de uma lista infindável de sucessos, que passearam por universos variados como o pop, o romântico ou o mundo infantil, como "Cheia de Charme", "Perdidos na Selva" (parceria com Julio Barroso), "Amanhã", "Lindo Balão Azul" (para o especial "Pirlimpimpim"), "Brincar de Viver" (sucesso na voz de Maria Bethânia, parceria com Jon Lucien) e "Aprendedo a Jogar" (canção imortalizada por Elis Regina, e escrita para ela, a pedido da cantora).

Antes de desligar para que Arantes se deleite com o lauto almoço no Capela, pergunto quem são os colegas com quem, hoje, ele se sente à vontade para trocar ideias, reflexões sobre o mercados e músicas, de igual para igual.

"Ah, o Zeca Baleiro, o Flávio Venturini, o Chico César, que é muito inteligente e é Secretário de Cultura da Paraíba, e o Fagner, meu amigo, que conheço há muitos anos, mas de quem me aproximei ainda mais recentemente. Ele outro dia me mandou uma música, e gravou uma canção minha", enumera, sem revelar, porém, detalhes sobre suas próprias obras inéditas que ainda estão por vir. "Este disco novo é mais para a frente. Ainda estou escrevendo. Mas será de pop rock", antecipa.

CRIATIVIDADE TAMBÉM EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE

Guilherme Arantes mudou-se para a Bahia em 2000, em consequência de uma iniciativa da prefeitura da cidade de Camaçari. Na ocasião, por conta da instalação da fábrica de uma montadora de automóveis na região, havia incentivos para empreendedores que quisessem investir no local. O compositor recebeu a doação de um terreno às margens do Rio Jacuípe e, ali, construiu uma escolinha--sede e implantou uma ONG, o Instituto Planeta Água. Em terrenos vizinhos, construiu um estúdio com uma pousada, o Coaxo do Sapo.

"Mas o empreendedor tem que olhar em volta. E logo percebi que era preciso criar essa ONG para estimular a comunidade a cuidar do manguezal, envolvê-la na preservação, engajá-la na proteção da natureza. Era uma área em perigo, por causa do crescimento desenfreado da Bahia rumo ao norte, ao longo da Estrada do Coco", conta.

Foi o nascimento do Instituto Planeta Água, uma ONG, como ele explica, coligativa. Atua em parceria com entidades de ação local como o Projeto Tamar, situado em Arembepe. Desde sua criação, a entidade já se envolveu em campanhas como a de replantio de árvores na área. "É um trabalho gostoso", define.

Foto de divulgação

O múltiplo Antonio Cicero

REFLEXÕES SOBRE A LIGAÇÃO ENTRE POESIA, FILOSOFIA E MÚSICA TEMPERADAS PELA DEFESA DO DIREITO AUTORAL

Por Helena Aragão * Foto de divulgação

Definir o trabalho de Antonio Cicero em uma palavra é difícil. Ele não é só um poeta, assim como não é apenas um letrista ou um filósofo. A soma desses lados resulta em um artista singular, admirado por criar versos que vão além da mera expressão de sua subjetividade. Letrista renomado, assinando parcerias com João Bosco, Adriana Calcanhotto e sua irmã Marina Lima, professor de filosofia, titular do blog Acontecimentos (http://antoniocicero.blogspot.com) onde reproduz poemas e textos seus e de gente que admira, ele está ocupando o Oi Futuro de Ipanema, no Rio de Janeiro, com seu projeto Poesia Visual, até este mês. Nesta entrevista, Antonio Cicero fala da importância da poesia nos dias de hoje, e reflete sobre suas ligações com filosofia e música, além de fazer uma defesa veemente do Ecad e do direito autoral.

O que faz um poema ser bom?

ANTONIO CICERO: Para mim, um poema é bom se me faz pensar não apenas com o intelecto, mas com faculdades como a imaginação, a emoção, a sensibilidade, a sensualidade, a intuição, a memória etc, que brincam e se confundem umas com as outras.

Qual é a razão para o desnível entre o número de poetas querendo ser lidos e o de leitores de poesia?

CICERO: Não se lê um poema como se lê um artigo de jornal ou um e-mail, por exemplo. Para ler e fruir poesia é necessário dedicar tempo, concentração, atenção, cuidado a um texto que não tem nenhuma utilidade. A maior parte das pessoas não tem paciência para isso. Numa época em que todos se queixam de falta de tempo, é evidente que sobram argumentos para aqueles que pretendem não haver mais, hoje em dia, lugar para a poesia: para aqueles que afirmam que a poesia ficou para trás; que foi superada pelos joguinhos eletrônicos, por exemplo.

Acontece que quem não lê poesia – quem não lê boa poesia – não sabe sequer o que a poesia realmente é. O que se supõe vulgarmente é que a poesia seja um veículo para a expressão da subjetividade. Assim, muita gente, querendo se exprimir e pretendendo aparecer como poeta, simplesmente escreve sobre seus sentimentos, pensando que está fazendo poesia.

Um outro fator contribui para essa situação. É que, desde o momento em que as vanguardas mostraram que é possível escrever poemas sem o uso das formas fixas tradicionais, isto é, sem, por exemplo, o emprego de determinado esquema métrico ou de rimas, generalizou-se a ideia equivocada de que vale tudo em poesia. Ora, para quem pensa que vale tudo em poesia, é mais fácil escrever poesia do que escrever em prosa, pois, para escrever em prosa correta, é necessário ao menos seguir determinadas regras de gramática.

Em uma entrevista, você falou: "O filósofo pensa sobre o mundo. O poeta pensa o mundo". Como vê a conexão entre essas duas áreas?

CICERO: "Pensar sobre o mundo" é uma construção mais comum do que "pensar o mundo". Acontece que a preposição "sobre" parece estabelecer uma distância entre o pensar e o mundo. O pensamento está de um lado, o mundo do outro, e a preposição no meio. Ou, em outras palavras, o sujeito está de um lado e o objeto do outro, separados pela preposição. É assim que o pensamento metafísico se retrata. Além disso, a preposição "sobre" também sugere uma certa elevação do pensamento sobre o mundo.

Quando, portanto, a preposição "sobre" é suprimida, na construção "pensar o mundo", essa supressão sugere a supressão da separação, da mediação, entre o pensamento e o mundo, o sujeito e o objeto. O pensamento poético – e, de maneira geral, artístico – não se representa como fora do mundo, para pensar sobre ele, mas antes mergulha no mundo e se confunde com ele.

A criação de versos para poemas e para músicas tem processos diferentes?

CICERO: Sim, os processos são diferentes, exatamente porque, quando faço um poema para ser lido, penso apenas nele; já quando faço uma letra, faço-a tendo no ouvido e no pensamento a música que algum parceiro me enviou, isto é, faço-a para que essa música, quando casada com a letra que eu compuser, torne-se uma canção. Já musicaram vários poemas meus, sim. E gostei muito de quase todos os resultados. Por exemplo, Marina fez, do poema "Alma Caiada", uma canção que foi gravada pela Zizi Possi. Paulo Machado fez de "Maresia" uma canção que foi gravada pela Marina e pela Adriana Calcanhotto. Caetano Veloso fez de "Quase" uma canção que foi gravada pela Daúde. Orlando Moraes fez de "Dita" e "Logrador" canções que foram gravadas pela Maria Bethania, e de "Noite" outra, que foi gravada pela Adriana Calcanhotto. E, recentemente, José Miguel Wisnik musicou o poema "Os Ilhéus".

Diferentes parceiros musicais causam diferentes estímulos para os seus versos? A música de João Bosco, cujo violão chama atenção pela criatividade rítmica, exige mais do letrista que uma música de um compositor mais focado na melodia? Ou vice-versa?

CICERO: Os compositores e as músicas causam diferentes estímulos sim. Eu não faria a mesma letra para a Adriana que faria para o João Bosco, por exemplo. Mas como as músicas que ambos fazem são lindas, a facilidade ou dificuldade de compor para cada um deles é praticamente a mesma.

Como está vendo as discussões sobre as mudanças na lei de direito autoral? Como é essa questão para os letristas?

CICERO: Para mim, é claríssimo que, se alguém está ganhando dinheiro com o que um compositor fez, ele tem que ganhar uma parte desse dinheiro. Os sites que oferecem *downloads* de música e cobram por esse serviço ou são patrocinados têm que ser obrigados a pagar. As companhias telefônicas idem.

O Ecad é absolutamente necessário, pois o compositor não pode correr o Brasil e o mundo para cobrar pelos seus direitos. A campanha contra o Ecad é, por isso, absolutamente sórdida. Não tenho dúvida de que ela seja promovida e financiada por aqueles que querem roubar os compositores. Essa gente não tem escrúpulo nenhum. Basta ver que fazem de tudo para derrubar a ministra da Cultura, Ana de Hollanda, desde que ela – agindo de modo absolutamente correto – tirou do site do ministério a logomarca do Creative Commons.

Como você acha que as novas mídias afetaram os ganhos dos artistas, especialmente no que diz respeito ao direito autoral?

CICERO: No momento, afetam muito negativamente, em primeiro lugar, os direitos dos compositores. Mas penso que a própria tecnologia é capaz de fornecer os meios para que se possa controlar a circulação e distribuição das canções. Acredito que dentro de pouco tempo será possível que as canções se tornem disponíveis ao público por um preço muito mais baixo do que na época do disco, ao mesmo tempo em que os compositores sejam muito mais bem remunerados do que eram.

O estúdio onde gravei meu CD se ofereceu para fazer meus ISRCs. Quais são as implicações disso?

(Dorka Nunes, Espírito Santo)

REVISTA UBC:

O código ISRC (International Standard Recording Code, ou, em português, Código Padrão Internacional de Gravação) é uma numeração ISO que serve para identificar de maneira única uma gravação sonora. Tornou-se obrigatório no Brasil por força do Decreto 4.533, em vigor desde 2002.

O ISRC permite identificar informações referentes a cada fonograma, tais como: a obra, seus autores, artistas intérpretes, produtor fonográfico e músicos acompanhantes. Ao registrar o código, essas informações são enviadas à UBC ou a outra associação à qual o produtor fonográfico estiver afiliado. É esse profissional o responsável pela obtenção do número.

A UBC registra as informações do ISRC na base de dados do Ecad e os rendimentos de uma eventual execução pública do fonograma são distribuídos de acordo com essas informações. No caso de um fonograma executado em rádio, por exemplo, eles são repartidos na seguinte proporção: 41,7% para o produtor fonográfico, 41,7% para os intérpretes e os 16,6% restantes para os músicos acompanhantes.

Então, é preciso que fique claro: se o seu estúdio fizer o ISRC da sua gravação registrando-se como produtor fonográfico, terá direito a receber 41,7% dos rendimentos do fonograma.

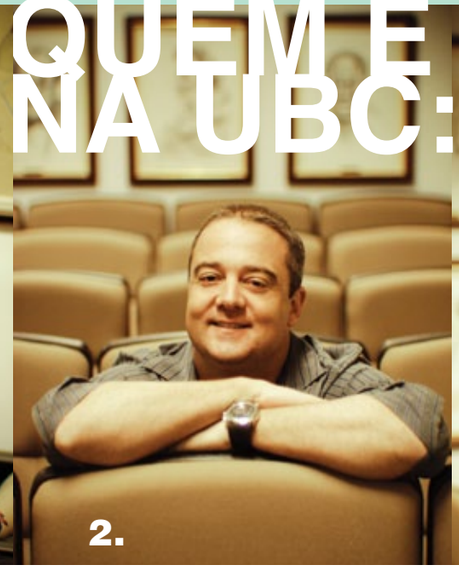
O produtor fonográfico é a pessoa física ou jurídica que toma a iniciativa e tem a responsabilidade econômica da primeira fixação do fonograma. Se o estúdio for seu produtor fonográfico, não há problemas. Caso contrário, o produtor deverá fazer o registro do ISRC.

Existe ainda a possibilidade de transferir a titularidade dos fonogramas posteriormente. Para isso, basta solicitar à UBC o documento de transferência de produtor fonográfico. Mas, para que ele tenha validade, tanto o produtor que pretende efetuar a transferência quanto o que vai recebê-la devem assiná-lo.

Outras informações sobre o ISRC em http://tinyurl.com/Ecad-ISRC.

Fotos de Mariana Quintão

QUEM É QUEM NA UBC:



1. MARISA GANDELMAN, DIRETORA-EXECUTIVA

Se a UBC fosse um corpo orquestral, Marisa Gandelman seria o maestro. A analogia é da própria diretora-executiva, responsável por traduzir as diretrizes dos membros da diretoria em comandos (ou seriam acordes?) cotidianos. “Acabo sendo uma mãe perante os funcionários, sou eu quem chama a atenção”, brinca a advogada e doutora em Relações Internacionais (RI), que assumiu o cargo em setembro de 2008. A função não poderia ser mais adequada ao perfil múltiplo de Marisa, criada entre a música e as leis. O pai, Henrique, era instrumentista e advogado. Os irmãos, Leo e Lia, tocam saxofone e oboé. A mãe, Salomea, foi professora de músicos como Jaques Morelenbaum na Pro-Arte. “Também fui conduzida para a música. Criei meus filhos sentada ao piano, tocando na noite”, conta. A atração pelo Direito Autoral veio mais tarde, por herança do pai. Hoje, ela ainda agrega esses dois interesses à especialização em RI. O doutorado ajuda no diálogo com a Confederação Internacional de Sociedades de Autores e Compositores (Cisac), de cuja diretoria a UBC faz parte desde o ano passado. “A cooperação internacional é o caminho para a obtenção de melhores resultados”, afirma.

2. NEY TUDE, GERENTE-GERAL

É preciso ter visão de periscópio para ter o emprego de Ney Tude. O cargo de gerente-geral da UBC requer um olhar panorâmico e atento para detectar onde é possível melhorar a atuação da sociedade autoral. Esses rumos incluem investimentos tecnológicos, implementação de sistemas, busca de titulares em segmentos pouco explorados, melhoria de serviços... “Minha função é gerenciar a parte estratégica e acompanhar a área técnica”, descreve. Formado em Relações Públicas pela UERJ e com diversos cursos na área de propriedade intelectual no currículo, Tude pertenceu aos quadros da UBC entre 1996 e 2000. Em 2007, voltou. Ao longo de sua história na associação, começou como assistente, passou a gerente de operações e, finalmente, quando retornou à UBC, evoluiu para o cargo que tem hoje. Suas atribuições incluem não só olhar para a sua administração local, mas também para a da vizinhança. Ele participa de grupos de trabalho no brasileiro Ecad, e na estrangeira Cisac, que congrega mais de 200 sociedades autorais no mundo. “Internacionalmente, tenho que ficar atento às novidades e tendências de gestão e absorver o que podemos das experiências de outras entidades”, explica.

3. FÁBIO GEOVANE, GERENTE DE OPERAÇÕES

Hoje em dia, não há como separar tecnologia e prestação de serviço. É por isso que o trabalho de Fábio Geovane tem tanta importância na organização da UBC. Com formação em Matemática e Análise de Sistemas, o gerente de operações é quem zela para que a informação corra em uma via digital veloz e eficiente na sociedade de autores. “Minha obrigação é fazer a ligação entre os diversos departamentos e, em especial, com o departamento de TI (tecnologia da informação), uma vez que a UBC investe em tecnologia para atender cada vez melhor os seus associados”, explica ele, que também é parceiro no gerenciamento de setores como Atendimento e Documentação. A trajetória de Geovane na organização é longa. Começa em 1994, como assistente do departamento de cadastro, e atravessa as funções de programador, analista de sistemas e gerente de projetos. A constante renovação técnica é uma das maiores preocupações da sua atual função. “Temos que nos manter na vanguarda tecnológica e de serviços, uma vez que o mercado do direito autoral é muito competitivo”, resume.

Notícias virtuais

LEMBRE-SE DE ATUALIZAR SEU CADASTRO DE E-MAIL CONOSCO PARA RECEBER NOSSAS NOTÍCIAS E COMUNICADOS. ASSIM, VOCÊ GARANTIRÁ O RECEBIMENTO DA "UBC NEWS", NOSSA NEWSLETTER MENSAL, SEMPRE RECHEADA DE INFORMAÇÕES FRESQUINHAS SOBRE O MERCADO E OS DIREITOS AUTORAIS.

RIO DE JANEIRO
Tel: (21) 2223-3233
ubc@ubc.org.br

SÃO PAULO
Tel: (11) 3326-3574
ubcsp@ubc.org.br

RECIFE
Tel: (81) 3421-5171
ubcrecife@ubc.org.br

BAHIA
Tel: (71) 3272-0855
ubcbahia@ubc.org.br

MINAS GERAIS
Tel: (31) 3226-9315
ubcmg@ubc.org.br

PORTO ALEGRE
Tel: (51) 3222 2007
ubcrs@ubc.org.br

GOIÂNIA
Tel: (62) 3932-0010
ubcgo@ubc.org.br

BRASÍLIA (representante)
Tel: (61) 3322-4263
gustavo.vasconcellos@ubc.org.br